

ANTROPOLOGIA E TRADUÇÃO

Alunas: Ana Claudia de Oliveira Britto e Julia Messina

Orientador: Valter Sinder

Introdução

A pesquisa tem como tema a “*Antropologia e Tradução*”. A idéia central é rever o conceito de tradução, associando-o ao trabalho antropológico – sendo o etnógrafo um tradutor de culturas.

Objetivos

Com a transição para a pós-modernidade (virada reflexiva), foi permitida a problematização de dois aspectos distintos, embora complementares, do trabalho etnográfico – o que Geertz chama de “estar lá” e “estar aqui” [1]. O primeiro questiona a escrita etnográfica – a capacidade de o etnógrafo nos persuadir de que esteve lá. O segundo se refere às dúvidas geradas a partir daí, com o chamado “declínio da confiança” – sendo o trabalho etnográfico, na atualidade, perfeitamente passível de questionamentos, e contrapondo-se à idéia das grandes narrativas enquanto verdades absolutas.

Outro passo importante para entender a questão da tradução foi ampliar as nossas perspectivas sobre a linguagem humana. Uma das abordagens estudadas acredita que o ser humano é composto pela sobreposição das esferas biológica, social e psicológica. Foi uma versão válida na época, por dissociar os campos orgânico e social. Contudo, como o indivíduo é essencialmente incompleto, percebemos que essas esferas se constituem simultaneamente.

Outro ponto relevante é perceber que a linguagem humana é equívoca, ao contrário do que ocorre com os animais – que possuem uma comunicação estabelecida por códigos e sinais inequívocos, sem montagens simbólicas. Como o ser humano é idiossincrático, imprevisível e multifacetado, a nossa comunicação não se esgota em poucos referenciais. Conseguimos estabelecer diálogos porque nossa linguagem é compartilhada (social), sistemática (lógica), além de ser uma prática inconsciente. Isso também pode ser relacionado às grandes narrativas, à pretensão falha de relacionar uma única narrativa universal à linguagem humana.

Metodologia

Leitura e análise de teorias da tradução desenvolvidas nas áreas de Letras e de Antropologia.

Conclusão

Por meio da pesquisa, vemos que a linguagem não pode ser percebida como transparente e, a partir disso, entendemos os impasses vivenciados pelo tradutor. O importante seria lidar com o desafio de dar voz ao outro, ao mesmo tempo em que é

necessário agregar esforço próprio para fazer uma boa tradução. Essa se caracteriza pelo reconhecimento pleno da alteridade, sendo diretamente associada à liberdade subjetiva do tradutor. Mais importante do que a tradução literal é aquela que respeita e evidencia o sentido do texto – não pela repetição da estrutura, mas pela transmissão das idéias.

Além disso, a cultura possui um caráter ficcional. É necessário pensar a cultura enquanto uma “invenção”, e não um objeto, de forma que podemos interpretá-la, ao mesmo tempo em que a inventamos – criando as nossas experiências e a de outros. Ao estudar outra sociedade, os antropólogos inventam uma cultura. Isso se faz necessário para que os atos das pessoas, da sociedade estudada, possam ter coerência, isto é, a “invenção” da cultura possibilita a inteligibilidade das práticas do grupo.

Referências

[1] GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. UFRJ, 2002.